

A minimalist line drawing of two hands holding a thick green branch. The hands are rendered in white with grey outlines, showing detailed finger joints and nail beds. The branch is a solid dark green, running diagonally from the top left towards the bottom right. The hands are positioned to grip the branch, with fingers spread and thumbs pointing towards the center. The background is plain white.

Bro tan do

**André Glaser e
Rosely Zenker**

Brotando

André Glaser e Rosely Zenker



Veleiro Literário
@veleiroliterario

Capa e Diagramação:
Márcio Baptista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Glaser, André

Brotando [livro eletrônico] / André Glaser, Rosely
Zenker. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2024.

PDF

ISBN 978-65-01-22825-9

1. Poesia brasileira I. Zenker, Rosely.

II. Título.

24-238758

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Índice

Introdução	6
Existir	10
Água	14
Aconchego	17
Adolescência	20
Estações	25
Mãos	31
Poesia	35
Amizade	39
Adormecer	43
Lua	48
Sorriso	52
Silêncio	59
Mãe	64
Pedras	69
Música	74
Sabor	78
Escolha	83
Café	88
Medo	93
Finalmente	97

Introdução

Meu primeiro ano como estudante universitário foi mágico. Após uma década distante da escola, voltei a estudar. Já aos 28, peguei-me entusiasmado no novo ambiente, movido pela pesquisa e seriedade acadêmica. Mas esta não foi a grande magia. As marcas fundas em minha memória guardam lembranças dos novos amigos, das novas conversas, das novas vidas se entrelaçando e tecendo amizade.

Foi num grupo de amigos que conheci Rosely. Havia algo diferente naquela estudante das áreas de português e francês. Uma timidez que cedia lugar à ousadia quando o assunto eram versos. Eu gostava de poesia e de escrever poemas, mas faltava algo. Uma influência. Havia encontrado inspiração em escritores e professores da universidade, mas não uma “influência”. Conversando com Rosely e lendo e relendo seus versos, aos poucos encontrei o caminho para minha poesia.

Esta coletânea é um recomeço, um brotar de sementes há tempo esquecidas, e um começo, um novo diálogo no reencontro de dois amigos molhando versos em experiências. Uma palavra era escolhida e tínhamos uma semana para criarmos um poema. Aos sábados, trocávamos o que havíamos escrito. Eu ficava curioso para ler as suas soluções, e em nossas conversas aprendi que Rosely reagia da mesma forma. As surpresas em cada leitura geravam o entusiasmo para o projeto dos dias seguintes. Assim se passaram 20 semanas, e com elas a decisão de fazer do resultado da iniciativa uma pequena coletânea.

Um novo capítulo em nossa vida, uma avenida para novas páginas.

André Glaser

Foram anos sem contato, eu e André.

Nos corredores da faculdade nos conhecemos e trocamos poemas pela primeira vez.

Por toda a graduação escrevemos, um mostrando ao outro o que produzíamos. Em papel. Às vezes André me entregava poemas datilografados.

Era uma época de cartas, cartões postais, telefonemas. Alguém saía na rua, ninguém mais sabia onde estava, só a pessoa mesma. Ela também não conhecia paradeiro de mais ninguém. Endereços e números de telefones (claro, fixos, os únicos que existiam) ou estavam na memória ou anotados na agenda. Mudava o ano, os registros se perdiam.

Era como viver em alto mar. Alguém saía do barco, nunca mais se tinha notícia.

Eu e André estávamos garantidos na universidade, ao mesmo tempo navio e porto seguro.

Só que um dia... Procurei nos corredores e André não estava mais.

Ainda conversamos algumas vezes e a última informação que eu tive é que ele estava em vias de ir para o Canadá estudar.

Os anos passaram e não soube mais dele.

Nunca desisti de procurá-lo. Só que o Google me respondia inúmeras possibilidades de “André Glaser”, nenhuma delas o André que eu queria. “André Glaser Canadá”, resultados infinitos.

E as perguntas na minha cabeça, onde está? Como está? Como está a família? O que faz?

Até que por um acaso resgatei um e-mail antigo.

A resposta!

A troca de WhatsApp!

A troca de fotos!

“Ainda escrevendo poesias?”, Ele me perguntou no início da

segunda conversa, dia 28 de janeiro de 2023.

“Poesia? Poesia não tenho escrito”, respondi.

E ele então propôs que escrevêssemos e trocássemos um poema. Esta sugestão logo mudou para um exercício: que sugeríssemos palavras, e que a partir delas surgisse um poema.

Não era intenção escrevermos um livro juntos, não havia na verdade intenção nenhuma. Era só para matar saudades - da escrita, da nossa dinâmica, quem sabe até dos corredores.

E assim, entre uma atualização ou outra do que tinha acontecido em nossas vidas e do que são nossas vidas agora, passamos a semanalmente trocar poemas.

O livro foi tomando o corpo, forma, sabor, ganhando dimensões e direções.

Foram muitos reencontros: o nosso, primeiro virtual, meses depois presencial. O nosso reencontro com a escrita, a experiência de produzir. O reencontro da rima, do riso, da luz, de todos os elementos do céu e da terra.

Algo em nós tinha hibernado. Amadureceu dormindo. Cada palavra, cada sílaba, cada letra, cada poema que nascia, o nosso despertar. Percebemos então que a separação entre nós não existiu, nem nossa separação da poesia.

Este livro, e agora podemos afirmar, foi brotando. Este livro que foi brotando é nosso próprio rebentar do solo. É o próprio rebentar de nós mesmos. Já estamos cheios de brotos, extravasamos.

Rosely Zenker

Existir

Existo?

André Glaser

O toque acende a pele
Olhos fixos no espelho
O coração pulsa, o suor encharca
Fluidos deixando a vida

Penso que existo, arrepios no corpo
Dedos tocam letras no teclado
Me vejo no mundo, algo escapa
Onde de fato existo?

Meu corpo vive na natureza
Sem precisar de mim
Livre, não pergunta
Existo? Quem sou eu?

Vozes inundam a mente
(Vindas de outros suores e corações batendo)
Tecem o mundo que eu teço
Com sentimentos e memórias

Neste abismo
Vazio de vozes e natureza
Crio sentido ao mundo
E ao criar existo

Quem sabe eu existo?

Rosely Zenker

eu estive ontem à beira
de ir embora

passei os dedos nos beijos
limpei com um lenço
o canto sujo da boca
fiz bico com os lábios
tentando sentir as minhas palavras

não estavam entaladas
mas talvez

talvez eu estivesse em silêncio
tempo demais
há muito tempo
quanto tempo?

onde eu estive?
se eu não fui embora
mas também não me lembro
o que disse
não me lembro
o que fiz nem o que eu fui

talvez

talvez o silêncio
desceu pela garganta
paralisou minha laringe

e o meu pulmão
e eu toda

eu quase fui embora
para onde para além
de mim

mas se sou eu aqui
se estes são meus seios
e estes são meus pés
e este é o meu cabelo
e esta sou eu toda

talvez eu existo

e não estou mais confusa
minhas lágrimas não sei onde estão
não preciso de consolo
porque eu ia, mas não fui

não fui
para ser hoje

hoje eu falo
e respiro
e me vejo
e canto

sim, esta sou eu
e eu... existo

Água

Noite fria, ruelas aflitas
Mesmos passos perdidos
Mesmo instante noutro dia
Mesmo asfalto e avenidas

A água toca a face
Como não percebi a nuvem?
Sem dó gotas frias-pesadas
Mudam o ritmo de meus passos

Não mais sinto, não há nada
De tão lento o corpo pára
Gotas criam o lago imenso
Onde mergulho minha alma

Toco o fundo, tão sujo
de sonhos-desejos deixados
que um dia diamantes nus
apenas brilhavam

Sem ar abraço a superfície
Gotas esparsas se despedindo
A chuva a ir molhar outras almas
Também tão secas e sem brilho

Novas águas correm o rosto
Correntes de angústia e esperança
E a alma que chora, já hidratada
Lava tudo o que há pouco era escuro

Me disseram de uma moça que usa anáguas
Alguém viu e acharam engraçado

Mas que coisa mais descabida a pessoa não pode se sentir
liberta e já querem mastigar o que a pessoa é

Veja pela janela essa enchente essa massa de lama como se
aqui fosse Brumadinho é uma poça de lágrimas soluços e en-
gasgos e insistentes julgamentos

Se a pessoa não é, em si mesma, água pura purificada límpida
e lúcida, se deixa levar pela sujeira

Há que ser um rio que transborda e leva embora e se precisar
ainda tem que chover nas outras pessoas nos outros compa-
nheiros tem que lavar a rua toda e a cidade toda e as florestas
e as Américas e os continentes todos se precisar a gente tem
que ser todas as moléculas de água do universo

Aconcheho

Se eu morrer amanhã
antes do derradeiro instante
os que quase foram mas não gostaram e ficaram contam que
a vida vira filme de Hollywood daqueles bem rápidos com
tudo acelerado e as cenas acontecem uma após a outra nar-
rando as estórias que a gente teve e se o filme é bom a morte
chega com um sorriso no rosto porque nada foi em vão

Se eu morrer amanhã o filme vai passar num daqueles proje-
tores antigos
o rolo girando rápido até enguiçar
e congelar no calor da cena em que minha face se deitou so-
bre teu peito e a vida parou
no aconchego do aconchego da música de teu coração que
não sei como soou tão forte quando tudo se calou
e me ofereceu a única paz verdadeira

Se eu morrer amanhã
o corpo e a alma vão saber que tudo valeu a pena
no instante em que o filme deixar de rodar

Morrer também é necessário

Rosely Zenker

antes de ontem
após uma convulsão
você nos deixou

minha mãe ligou
achando que você tinha morrido

corri verificar o ar
o coração
o frio
o olhar vazio

não tem importância
você é meu amorzinho
para sempre dentro de mim e
não há melhor aconchego

balance o rabinho
corra atrás da bolinha
espoje-se no meu travesseiro
esteja sempre livre
e para sempre receba meu carinho

para sempre dentro de mim

*Dedicado a Thor

Adolescência

Tsunamis de lágrimas
ventos a corroer tudo
o que a fúria nua constrói

Arcos-Íris únicos
gargalhadas e risos
no encanto e no ardor

Oráculos, videntes
gigantes e deuses seguros
senhores da humanidade

O herói das donzelas
castelos de pedra e papel
o mal sob os pés

Também sobre o chão
em soluços, abatido
pelo hostil imortal

Erguido ainda em luto
o sol de volta à alma
na busca pelo ideal

Assim foram dias e anos
ganhos e perdidos
na chamada flor da idade

Mágoas, música
desespero, esperança
Solidão, amizade

Tempos passados, cinzas em brasa
novo seio da juventude
anos da maturidade

Muitos se imaginam nessa situação que vivo agora
eu aqui na ponta do banco intimidada não vou mentir
olho-a sentada e aqui estou

Estamos

Ela me olha com aquele olhar
ávido de quem quer ser -
metade insegurança metade prepotência

E eu aqui estou
Estamos
Aqui nas pontas do banco

Ela me indaga com o olhar por clemência
o olhar ávido de quem quer saber -
metade dor metade ilusões

Tão assustada

Porra meu

Só estou aqui por sua causa
suas decisões
suas direções
e até suas distrações

tão vorazes
tão certeiras
tão válidas

Como posso te agradecer?
Como posso te convencer
da sua potência?

Quero te levantar sobre os ombros
te levitar acima dos sonhos
te celebrar com fogos e redemoinhos

Eu, juvenzinha, de camiseta mostarda e olheiras
tão tímida e receosa
sufocada pela angústia e pela inocência

tão prestes a explodir e preencher o céu

Desculpe pelas vezes - tantas vezes! -
que eu não te defendi!

Estações

Vi a primavera. Ou o verão?
inverno? outono? qual estação?

Cadeira na sacada, olhos em toda parte
chuva, frio, sol, calor, folhas úmidas e secas no chão
Meu deus, o que acontece com esse diacho de tempo
que não mais segue as regras da razão?

Meu mundo, antes sabido, vive perdido
sem ordem ou direção

Foi assim que aconteceu:

A primavera vinha depois do inverno
mas o verão se meteu no meio com um furacão
o inverno, não entendendo nada, escondeu-se atrás do outono
imagine a confusão

A primavera, triste, deixou de dar flor
o verão, enfurecido, trouxe neve por aversão
o inverno fez tatuagem e foi pegar onda
enquanto o outono só reclamava da desorganização

Mas assim, aos tropeços, se fez caminho novo
em ritmo marcado por estranha configuração
as estações a se entenderem no desentendimento
cedendo aqui e ali, buscando união

E foi-se descobrindo pouco a pouco
que o que valia não tem mais posição
Uma arte ainda suja de lama
novas cores do coração

parece que vai chover
concentro-me na cartela que seguro com as mãos
o lápis entre os dedos, atento aos próximos movimentos
por um instante desvio o olhar para ver as nuvens
elas se avolumam sobre nossas cabeças

parece que vai chover!
bingo!

eu me distraí só por um momento
quantos números foram ditados enquanto estava abstraída?
quantas oportunidades perdi por desatenção?

minha cartela não vale mais
já passou seu tempo
clareou escureceu entardeceu a aurora as cores todas e o sol
abro a carteira contando as moedas
quero participar de novo, de novo e de novo
meu suor escorre em torno das orelhas
é só o calor ou o medo também?

arregalo os olhos e a roleta redonda gigante vira como um
ciclone a nos envolver
vai dar meu número
estou na boa
a vertical a horizontal a diagonal

mas de repente esfria
mal consigo distinguir os números

chamam sem parar
mais outro mais outro e mais outro

mas agora é bingo ou é a minha senha que estão clamando?

meus dentes rangem meus lábios estão trêmulos
se cai tanto a temperatura eu até choro

será a minha vez agora
mais uma tranqueira para minha sacola
esses prêmios são fuleiros
e todos nós aqui tão interessados
tão competitivos babando por mais uma caneca térmica mais
um guarda-chuva invertido mais uma brisa fresca

focalizo minha cartela de novo, os números embaçados
com dificuldade enxergo minhas possibilidades
e vai chover de novo

por que passa tão rápido essa vida?
agora há pouco era a primeira cartela
e já estou na milésima
as flores já secaram já floriram já secaram
tantas vezes
e tantas vezes de novo
de repente de novo é flor de maio

não vai ter jeito
preencho a inscrição para um empréstimo
preciso de mais cartelas
o jogo segue e desta vez será a minha vez

esquenta de novo
esfria de novo
mas não perderei o fôlego
talvez agora precise de óculos
de uma bengala e de uma ressonância
mas segue o jogo
estou no jogo

e se daqui a pouco começar a tempestade
e se daqui a pouco começar a desidratação
e se daqui a pouco anoitecer mais cedo
quem dera eu preste mais atenção
e não deixe os números se esvaírem no chão
quem sabe eu
quem sabe eu finalmente tenha mais sorte
mais santo mais mantas mais mantras
e vocifere mais forte

que agora é o meu bingo que agora é a minha vez
sem empate
sem tropeço
sem conferir as dezenas
sem sentir o cheiro das flores mortas

até a morte

Mãos

mãos asfixiadas em solo árido
embriagado de suor (que)
pinga do corpo

tentei enxadas, pás, caminhões e tratores
mas o chão apenas quer mãos nuas
carne que rasga a dureza da terra muda

Após meses? anos? um metro de fundo – Eis um tesouro!
o menino tímido perdido entre outras crianças
já apaixonado pela vizinha de cinco anos

A terra mais funda aumenta o esforço
o corpo dilacerado ao encontro de seus horrores

Por que ser tímido tem de ser fraqueza ter respeito tem de ser
doença ter pureza nos faz presas de crianças mais violentas?

centímetros de terra tirados pelas mãos consumidas
sonhos que brotaram e morreram
outros que tentaram e não nasceram
poucos que sobreviveram

É preciso parar. O espólio ensina e paralisa, aquece e congela
as emoções.

Miro as mãos em carne viva
de tanta dor nada sinto
todo o trabalho toda a luta mãos cavando tão fundo pra en-

contrar isso? Esse tesourinho de merda?

Recolho as lascas de memória
cada migalha de emoções
estilhaços que se encaixam
em três dimensões

Me vejo em escultura viva
Mas há lacunas... peças perdidas?

Minhas mãos brilham não há mais feridas ou sangue ou bo-
lhas só calos e cicatrizes

entendo tudo.

As partes ausentes só não existem no agora
Vazio repleto onde as mãos cavam a próxima hora

nós todos pisando no chão
indo na mesma direção
sem fuga tampouco invasão
todos unidos pelas mãos

existimos para exigir direitos
que a vida seja garantida
não para um, para todos os sujeitos
casa, estudo, saúde, comida

seja lá o corpo que for
seja lá o tipo de amor
que possamos ter paz e sorrir

que seja desfeita toda dor
toda fé aceita com esplendor
vamos viver sem medo e florir

Poesia

Terceiro colegial
aulas de literatura

Professora Sônia,
antes de ti
poemas eram criaturas mudas
agora
gritam

Versos encharcam palavras
com aguaceiros de sentidos
amor, tristeza, alegria
e abraçam a alma perdida

Adultos, crianças, idosos
criam a vida como é, foi, será
orgulhosos, discretos, frágeis
compõem além de seu criador

Escutam mal a voz do juízo
dizem sim se devem dizer não
cavam sua própria sorte
em semântica e sintaxe

Se ostentam o belo ou o feio
são diamante quando autênticos
tecidos em emoções e linguagem
inalam e exalam arte

Vivem em estado de coma
até adentrarem um novo espírito
invadem a mente, o coração e o sangue
quando o ambiente é propício

Foi no último ano
que uma pessoa, professora, repleta de literatura
me ensinou a reinventar meu mundo
para ler, amar e escrever poesia

Descoisificação

Rosely Zenker

O poema é uma coisa
Que a gente sente de uma vez só
Aí a gente senta e transforma essa coisa em palavras

A gente tem essa labuta
De traduzir essa coisa
Mas o poema não é esse conjunto todo
De palavras, de construções, de rimas, de métricas,
De ritmos, de escolhas

O poema é uma percepção
De uma coisa
É uma coisa que a gente descobre
E depois fica tentando escrever

Quando a gente lê um poema,
Fica tentando sentir essa coisa
Perceber essa coisa,
Entender essa coisa
Que o poeta captou

E assim
na poesia
a gente
deixa
de ser coisa
E se humaniza

Amizade

Rosely

André Glaser

A voz cantando os próprios versos
no chão, sobre um tapete azul
estrelas na face, corredor da universidade
assim conheci Rosely

Seus versos enlaçam meus versos
seu tom lustra o meu
sua magia me carrega ao universo
assim chamado Poesia

Anos de proximidade
tantos mais afastados
a vida separa no espaço
não dissolve laços

Quantos anos, Rosely,
10? 15? sem contato
juntos novamente
não estivemos separados

elos verdadeiros são mistério não se rompem não gastam
unem-se mesmo quando ausentes

Marcas dos anos na pele
contam nossa história
a amizade ri da idade
e envelhece mais jovem

Olá, minha amiga
cá estamos escrevendo
cada verso meu dizendo
um pouco de tua presença

Nenhum tempo passou

Rosely Zenker

Estamos eu e você
Um diante do outro
Sentados escrevendo poemas

Nada aconteceu
Não tivemos amor nenhum
Não tivemos filhos
Não trabalhamos nem fizemos nada
Nenhum tempo passou
Não envelhecemos
Não há rugas nem cabelos brancos

Estamos aqui novamente
Saímos por uma porta, entramos pela outra
Na mesma sala
Estamos sentados nas mesmas cadeiras e escrevendo poemas
Um diante do outro

Meu amigo
Nunca estivemos separados
Achamos que sim
Pensamos que sim
A vida foi somente uma impressão das nossas mentes

Cá estamos aqui
Mostrando nossos poemas um para o outro
Nenhum tempo passou

Adormecer

Véu despertado pela brisa
Tapete-divisa entre mundos
Espelho invertido do visível
Sereia no escuro que oculta

Dirijo-me ao lago
Andar ansioso contra o vento
Pés virgens há pouco secos
Encontram a sua trilha

Receio, mas careço
Do corpo entregue ao abraço
Do fluido que gera vida

Gaivotas conversam comigo
Falamos sobre prazer e alegria
Querem que voemos juntos
Deixemos isso para outro dia

A água pela cintura
O passo mais difícil
O corpo menos pesado

Ao longe árvores fixas
Contam a beleza de estar estável
Pedem que eu crie raízes
Deixemos isso para mais tarde

O peito coberto
O coração desperto
Para o batismo ao infinito

Vejo o sol se pôr
O calor a agasalhar a alma
Quer que eu brilhe sobre as águas
Quem sabe noutra hora

Imerso, o pulmão se agita – respiro!
O que ocorre? Abro os olhos
Estou aqui, acordado. Meu deus,
Por todo o tempo estive adormecido

Uma criança embaixo do viaduto enfiou pedaços de espumas
nos ouvidos para conseguir dormir
O barulho estava insuportavelmente alto, mas ela cedeu ao
cansaço
Seus olhos piscaram algumas vezes e de repente tudo se si-
lenciou

O pôr do sol tinha sido fantástico
Apesar de a cidade ser incrivelmente poluída, as cores se so-
brepuseram ao cinza
Pena que absolutamente ninguém percebeu...

Pessoas de dentro dos prédios jantavam cada uma um prato
diferente, inspirados nas mais maravilhosas iguarias do mun-
do
Os motoqueiros dos deliveries, não
Eles nunca tinham provado nada e muitas vezes passavam o
dia sem comer

Uma pessoa corria entre as árvores da grande avenida, treina-
va meticulosamente para a maratona
Outra vinha andando no sentido contrário, mas esta apenas
tinha caminhado o dia todo sem destino
Estava desorientada e perdida

Somente um ser entre tantos agradecia sinceramente o dia e
na verdade toda a sua vida
Um cachorro embaixo da carroça de seu tutor em situação de
vulnerabilidade da rua

De onde tinha surgido aquela salsicha que agora descansava
em sua barriguinha?

Ele não lembrava

Relances de seu encontro com a comida, o cheiro, as narinas
dilatando, resvalavam rapidamente por sua memória

O carinho apaixonado na orelha, a língua acariciando a água
da sarjeta

Estava funebremente cansado

Ele suspirou

E enfim adormecia

Lua

A Lua nos observa
Mãe natureza, cuida de nós
Mas só quando nela imersos
Nos acaricia com sua voz

Devota, nos ensina
Nutre a alma que nutre sonhos
Mostra o real do delírio
E a utopiamagia da verdade

Mesmo que digam, nunca é fria
Pergunte aos lobos e lhe dirão
A Lua é intensidade e chama
Fogo brotando criação

Se espreita por frestas
Fica escura, invisível
Mas mantém a sua vigia
Lendo como somos e sentimos

Quando crescente não cresce
Nem mingua quando minguante
É olhar com olhos serrados
Mais preocupado e pungente

Vaidosa, tem seus caprichos
Tudo vê, mas só conversa
Com quem abre a caixa dos sonhos
Das paixões e insanidades

Se poetas ou lobos
Se uivos ou versos
A Lua só encanta
Quando exalamos natureza

Me servi de um copo de suco de laranja com tamarindo
A lua entrou no copo

Vi a poça na rua, ainda em movimento
Escoando e com pingos da chuva
A lua correu para a poça

Quando eu nasci, estava lá ela
Rindo
Pulando de lagoa em lagoa
Pregando peça nas pessoas

A lua

Como está hoje, dona Lua?
Minguada, mas não exaurida
Não está enjoada deste mundo todo?

Ela lá continua
Com aquele sorriso maroto de lado

De repente
Me volto para mim
Que surpresa
Não é que a lua está em mim?
Eu também reflito a lua, eu também sou a lua, eu também
tenho esse balanço de lua esvaziando enchendo sorrindo pre-
enchendo tudo

Quem diria
Eu também tenho o meu luar

Sorriso

Hoje, enquanto você comprava nosso picolé preferido, aquele de pistache e gotas de chocolate, eu queria tanto sair. Olhar para o mundo, sentir o calor do sol e o frio do sorvete...

Tentei tanto, quase consegui

Mas você percebeu e me lançou de volta à jaula

Minha prisão, nossa tristeza

Por quê?

Ontem duas crianças vieram em nossa direção e me chamaram

Lembra? Os rostinhos cheios de vida

A brisa agitando os cabelinhos

Percebi tudo, ouvi tudo

Tentei e tentei

Mas não consigo sair

Éramos tão próximos

Naquele tempo não havia algemas

Voávamos juntos

Mergulhávamos em cada hora, em cada segundo

Tudo era feliz

Você se lembra dos parques

Das ondas que pulávamos na praia

Das brincadeiras de pega-pega

Dos passeios de bicicleta

Do rosto sujo de chocolate

Do corpo ensopado nos dias quentes de chuva

Você ainda me ouve?
Ultimamente sinto você ainda mais distante
A jaula menor, mais apertada
Me vejo mais magro
Abandonado

Por favor, não me deixe morrer tão jovem
Aqui no escuro, sem ver o mundo
Sem ver outras faces
Como a nossa quando éramos um

Quem sabe um dia você me aceite de volta
E os lábios se moldem mais uma vez

Sorriso

Rosely Zenker

Foi naquele episódio
Eu estava de um lado da rua
Não ia atravessar
Só estava parada esperando
De repente aquela moça na calçada de lá
Suspendeu a criança no colo
Aquele saia curtinha
As fraldas aparecendo
O cabelo ralinho caindo no olho
Aquele tiara de purpurina
No colo
Ela faceira
As faces rubras
Olhou para frente como se olhasse para todos os lados
Aquele moço
Esvoaçante
Ágil como uma pequena gazela
As pernas desajeitadas como uma esbaforida galinha
Querendo aproveitar as frestas entre os ônibus e os carros
Avançou confiante e rápido
A camiseta leve
A chupeta e os lábios e queixo molhados
Veio em minha direção
Um aviãozinho teco-teco
Um bater de asas como se tivesse sonhos
Mas veio a moto do nada
Aquele monstro rugidor escandaloso
Eu olhei
Eles se olharam

Alguém gritou
A moto apareceu como que chegando das nuvens
A toda velocidade
Igualmente juvenzinha e feroz
Mais alguém gritou
O desastre iminente
A desgraça
Todos tão na flor da idade
Aquele perfume suspenso
Aquele quero amar arisco
Um correu e já era tarde demais, já estava lá
O outro correu e já era tarde demais, já estava lá
Competindo o mesmo ponto de permanência no espaço
Como dois gatinhos filhotes
A criança no colo
Enfim
A moto numa manobra heroica
Desviou
Desviou a ponto de quase encostar no chão
A roda entortou de um lado
Entortou de outro
Se não fosse a moto sair disparada daquele jeito
Se não fosse o vento pegar com a mão aquele gigante equipamento
E fazer flutuar
O motoqueiro que quase se esborrachou
Sem capacete meu Deus
A moça chegou à outra passagem
Quase tendo partido
A moto saltou do precipício e da morte
E não quebrou nada no caminho
Quase todos chorando

Quase todos estendidos
Os corações com nitrogênio líquido congelado
Sem sangue nas mãos e nos pés
Aqueles que escapam por um fio
Que se salvam por milagre
Aqueles expostos a toda e qualquer fúria
Aqueles à margem da vida
Para quem ninguém nunca deu a mão
A quem ninguém nunca mostrou o farol
Aqueles nascidos no susto
E que são feridos ou quase feridos
Pela miséria
Aqueles que sobreviveram
Sobreviveram
Sobreviveram
A moto se foi
Do mesmo modo que surgiu se esvaiu
Aquele moça ajoelhada no cimento
Lágrimas e fôlego
Alguém se amparou na parede
Alguém buscou uma água
Alguém desmaiou
Alguém berrou uma bronca que picou todos nós em pedacinhos
O choro
Alguém que consolou está tudo bem
Foi só um susto
Eu que mal enxergava as cores
Naquele momento
Me aproximei do nenê e o peguei no colo
Enquanto todos nós nos recompúnhamos
A menininha me olhou

Me mostrou naquele gesto não-verbal
O pequeno dente de leão que tinha nas mãos
Eu recebi aquele galhinho frágil
Aquele plantinha murcha entesourada e encantada
Olhei para aquele ser tão inocente e carinhoso
Aquele linda menina e aqueles olhos tão lindos
Que me ressuscitaram
Me entregou aquela florzinha
E sorriu.

Silêncio

Estávamos todos conversando
Diálogos concorrentes no firmamento
Pequenos astros pequenos grupos
Em torno de um mesmo sol

Não falávamos alto
Mas as vozes em murmúrio
Se fundiam em contraponto único
Harmonia em homenagem e gratidão

Foi quando me aproximei de meu tio
Tão vivo nos domingos da infância
Que respirei (pela primeira vez?)
A essência do silêncio

Não foi o primeiro velório
Mas quando minhas mãos tocaram sua face
Conversamos por um longo instante
Sem palavras ou pensamentos

Neste diálogo com o corpo inerte
Ainda embriagado de experiências e memórias numa vida
criada por sonhos sem perdão no jardim da existência
Vi
Com os olhos da matéria
As cores do silêncio

Meus sonhos adormecidos dilataram suas pupilas
Voltaram-se ao redor ainda perdidos

Mas se deram as mãos em um círculo sagrado
E caminharam juntos por trilhos distintos

Já dizia o poeta
A vida é traição
Não se a agitação
Nasce na carne que cria o espírito

Guardo meu silêncio em meu corpo
Com todos os infinitos murmúrios
Das trilhões de pequenas existências
Criando e recriando meu mundo

No dia em que meu sol brilhar
O silêncio continua
Quando quem sabe meu corpo conversar
Com corpos que nele gravitam

Meditação

Rosely Zenker

Um naco de paz, o silêncio
Como um jardim após a chuva
Ou um gato que dorme
É como escutar um murmúrio sensível
Como se não houvesse ali som algum
E nenhuma mensagem

Quem mastiga apressado o boletim da bolsa
Com três abas abertas de análise de jogo
E uma outra ainda com a programação da televisão
Não quer saber do silêncio

O silêncio muitas vezes é difícil
Faz escutar os próprios pensamentos
Faz a gente ver a lebre correndo com pressa
Porque vive a turbulência
E – pior – a defende –
Como se ela nos salvasse

Uma cartola em cima do banco
Um inocente pássaro se aproxima
Alheio ao que é perigo
O silêncio convida a ver
O que disfarçado pelo turbilhão é invisível

Mas não há paz sem coragem
É preciso ser bravo
E se calar
E ouvir o lago imóvel

Mergulhar na própria mente
Porque no descanso e sem intenção
Os enigmas se revelam por si
Deslizando pela calma
E pela respiração

A mente é um bicho selvagem
Independente da gente
E no silenciar
A convidamos para pousar
Na nossa mão
E nos dizer
Com a mudez (a mesma das nuvens)
Como ser
O farfalhar de um bambu

Mãe

Noite em sono profundo
choro miúdo do menino
apenas desperta mamãe

É meu murmúrio que te acorda
ou sabes que tenho dor
e preciso de teu calor?

Mamãe, quando estás comigo
fico leve
viro balão
flutuo
deixo o chão

Talvez um novo termo a ser talhado
amor à milésima potência
mistura de almas em dimensão tênue
receita secreta da natureza

O coração se agita
quando notícias esquecem a hora

A mão mergulha o escuro
agarra o que outras mãos não tocam

O olhar faz-se seda
e nos veste em suave carícia

A voz constrói o tema

da sonata que compõe nossa vida

Quero neste poema momento eterno
De puro e sincero agradecimento
instante em que a alma desabotoa
e vê tanto de tua presença

Quero que este poema cante
o que não digo porque faltam palavras
ou porque a vida vazia murcha
a essência onde existimos

Mãe, obrigado
pela dedicação quando pequeno
adolescente
menino grande

Pois és minha mãe
nada me faz mais leve no mundo
surpreso, toque de magia
me torno balão
flutuo
deixo o chão

Alguém passou com um buquê de jasmim
No corredor da maternidade

Era um anjo

Um sussurro despercebido
Que murmurou no primeiro sopro de vida
Em cada neném
A coragem de sobreviver
E querer chorar
E querer crescer
Ao menos um pouco
Ao menos um instante
Ser com força
A presença do tempo que é

Um buquê de jasmim
Em cada porta
No quartos, nas enfermarias

Nem sempre um anjo sorridente
Às vezes um anjo desconsolado

Quem nasce ali
A criança
A mãe
O pai
Os avós
Ou, tristemente, às vezes mais ninguém

Às vezes um só
Que só a si convém

Mistura de lágrima, sangue, colostro
Como é bom quando nasce a mãe, quando nasce o pai
Mesmo quando é aquela ou aquele que chega à porta
E a criança encontra o seu colo
A bolsa marsupial
E são dois unidos
Por um cachecol de amor

Quem dera toda criança fosse um anjo com um buquê de jas-
mim
No coração de alguém

Pedras

Por que o olhar fixo em ti?
És nada, não moves
Moras em eterna estase
Vestes tua mudez sólida

Meus olhos te agarram
Querem algo que não têm
Guardas o que não mostras?
És mais que matéria morta?

Outras pedras encarnam
Dizem? não ouço
Mostram? não noto

Meses, anos, o olhar fixo
Parece que há movimento
Alucinação? Desejo?

Há um caminho a percorrer
Loucura rumo à sanidade?
Ando em círculo e percebo
Pedras quase acordadas

Quero tê-las em mãos e bolsos
Mas eis o sussurro distante
- Não podes possuir o que és
- Sou pedras? Ideia insana

Ao meu rodar, umas se agitam
Mostram-se macias e moldáveis
Outras mantêm-se estagnadas

No giro para dentro da alma
Pedras feitas de capricho e mágoa
Clamam o solo para brotarem

Tomei uma pedrinha nas mãos
Joguei no lago
Mais uma
Mais uma

Aquela sensação
De se livrar das dores
De tirar de si
As frustrações
A vergonha
A raiva

Jogue comigo
Uma a uma
Essas pedrinhas
Que tomam lugar
Nas nossas cabeças
Nos nossos sentidos

A gente sai de manhã
O café fresco
Vai se empoeirando
De aspereza
De rigidez
De cobranças
Range os dentes
Encareta a face
Voltamos para casa
Um disforme

Olhamos um pássaro
Aquele súbito prazer no coração
Como alguém imagina um estilingue?

Aquele ímpeto nosso
De ser solidário
E de repente alguém
Jogando fora as sementes
Apagando as luzes
Sem nenhuma vontade de se melhorar
De ajudar o mundo

Atire longe
Veja a superfície da água
Um peixe que se aproxima

Respiro
Sou nuvem
Livre

Música

Palavras em caixa nua
Voam em vento vadio
Criam profanos vazios
Vozes em sopro de vidro

Proferem coisa nenhuma
Tecem solta a harmonia
Não há quebras só marolas
No tapete do artista

Letras fazem melodia
Riem e encantam a lírica
Compõem compassos tijolos
Paço onde a mente delira

Voe música voe longe
Deixe o peito e molhe o mundo
Faça chuva de arco-íris
Amo a vida e amo a vida

Cante tudo o que desejas
Sem tristeza em tua alma
O sorriso vai e fica
Invade o mundo e o agita

O balanço das sílabas
Sussurra sons escondidos
Dizem sim ao sol e à lua
Catavam a noite e o dia

Vão-se os versos e navegam
Sentimentos de alegria
Vão sem leme vão sem norte
Só movidos pela brisa

Voe música voe longe
Deixe o peito e molhe o mundo
Faça chuva de arco-íris
Amo a vida e amo a vida

Quanto mais a gente se entende
Mais a vida é linda
Por um lado muitas feridas
Desilusão, decepção, confusão
Mas ainda assim muito a agradecer
O pão, o chão, a terra batida
O efervescer, o amanhecer, a noção de ser
A planta que floresce
O pássaro que aparece
A janela que a gente abre
A música que a sala invade
A chuva que surpreende
A água quente
O gelo no copo
Muito desamor a superar
E as dificuldades de amargar
Ainda assim a gente sente
O coração aquecido diante do filho
O alívio do anoitecer
A coragem de mais um dia
A experiência e o aprendizado
Mas tem que se aceitar
Se perdoar quando preciso
Se apreciar a cada riso
Se valorizar, se defender, se acalantar
Buscar a alegria, a magia, a euforia
E amar, quanto mais amar
Melhor

Sabor

Gargalhadas ao molho pardo
Risos frescos à la amigos
Sorriso picante ao dente
Outro aos lábios unidos

Amargo quando humilhado
No cru das paixões perdidas
Carne encolhida ao fogo
Sonhos derretendo gordura

Melado do amor jovem
Mel dos anos maduros
Brigadeiros de cada dia
Bolo em beijo que perdura

Fermento nos propósitos
Massa sovada que expande
Pão saído do forno
Regalo a músculos e alma

Azedo da amargura
O isolado sem rumo
Perda de um ente querido
Leite coalhado na boca

Sensações únicas a tocar a língua da vida

Amáveis ou não são sabores
A compor nossa história

Cores tecem telas de arroz
Esculpindo memórias

Perdi o medo do choro amargo
Do azedo dos olhares salgados
Não basta apenas o melado
Enjoando o paladar e o corpo

Vou viver o sorriso e a tristeza
Doçura, salgado, amargor
Criar prato intenso e delicado
Explosão maior de sabor

Às vezes o bolo desanda de um jeito...
A gente mistura a massa com amor
Os ingredientes os mesmos que usamos sempre
Faz tudo certinho
E sai do forno abatimado
A gente sonha com aquele bolo
Mais trinta minutos e está pronto, servido quentinho
Aí vai ver não deu certo
Acontece
Aquele cheirinho que abre as portas do estômago
A saliva preenchendo a boca
O fôlego
A espera
O resultado

Aí joga mais calda para disfarçar
Não perde
Fala que o importante é não ter fome
Faz que acredita que não tinha tanta importância
Que ninguém é criança aqui
Mas perdeu-se aquela sensação tão desejada
Aquele vontade que não é satisfeita

Ninguém vai chorar, claro
Chorar é exagero
Mas se chorar, qual é o problema
Ninguém aqui é feito de plástico
Às vezes um bolo é um desejo sincero
E o acesso aos ingredientes não é infinito

Não dá para jogar fora e fazer outro
Até porque às vezes nem tem mais farinha

E segue com coragem porque um dia será de novo a vez de
fazer bolo

Mistura um achocolatado no leite
E segue a vida

Ficar triste não é proibido
Faz parte e não deve ser evitado
O sabor pode ser amargo, mas é importante digerir
Toxicidade é fingir que não sente

Ninguém mede a dor de ninguém
Nem pode desmerecer a dor de ninguém
Se a gente fica abatido
Que a gente se derrame mais calda
Aproveita-se e não se joga fora
Faz-se um carinho e até chora
Coragem que oportunidades surgem
Logo logo vai sorrir de novo

Escolha

Aos quinze anos, caminhando vagarosamente a ladeira da rua
Itapiru para pegar o metrô em direção à escola de música
Pouco entusiasmo para a aula de violino naquela tarde quen-
te de primavera
Passo em frente a uma casa

A senhora varrendo a calçada me vê, mira a caixa do violino,
sorri e diz, em voz decreto:
– Estude, filho, estude. Você será um grande violinista.

As palavras moldadas por aquela alma amarraram meus de-
sejos e emoções em buquê, os caules unidos nutrindo botões
que abriram flores em fragrância música e cores sedução

Não me tornei um grande violinista
Mas provo a cada dia o sabor do instrumento nos ombros e
mãos

Foram lutas constantes
Umas dóceis, outras menos amigas
Quando desperto ou exausto
Mantendo a melodia

Escolhas sabidas, outras escolhidas
Coisas da mente e do coração
Feitas em matéria viva
Criaram viadutos e direções

Olho ao redor e me encontro

Entre pomares e frutos maduros
Tornei-me um violinista modesto
Movido pela grandeza da intenção

Ser pequeno é ser grande
Demorei a aprender
É preciso viver tanto
Para saber o que é viver

Fecho os olhos, aspiro o porvir
Sorvo a leveza do corpo
Me largo em meditação
Ao cair das escolhas humildes

Meus pés um atrás do outro
Seguindo este caminho
Um pé hesitante, o outro decidido
Muitas vezes cegos
Aonde estão pisando?
Tento impedir muitas vezes
Mas eles calcam forte na terra
Tento descansar muitas vezes
Mas não interrompo seus ritmos
Às vezes aponto o dedo é por ali
Às vezes dá tempo de desviar aqui, não
Às vezes escrevo uma placa com letras garrafais perigo
(eles entram mesmo assim)
Às vezes fecho a agenda e falo agora pelo campo
Às vezes choro tanto que sei lá aonde estamos indo
Ai, que seria tão bom, tão maduro e tão equilibrado
Se fôssemos juntos
Pés, mente e coração
Na mesma direção
Sempre
Mas às vezes estes pés insistem
Eles não desistem
Persistem e a cada passo
Vou me deparando com surpresas
Às vezes consciente da trajetória
Às vezes dormente de angústia
- Ficar nunca é opção -
Esses pés avançam e enfrentam
Se o solo é áspero e se a sola se enche de calos

Se a areia é fina coberta pelo mar doce
Esses pés continuam
Eu às vezes firme em propósitos
Às vezes bambaleante e com o nariz entupido
Com lágrimas nos olhos
Com poeira no cérebro
Com decepções na alma
Mas estes pés
Estes pés de sandálias, descalços, de pantufas ou mocassins,
Eles andam
Porque sabem
De uma filosofia empírica
Que correr, se apressar ou adormecer, nunca podem parar
Não importa se estou pronta para as escolhas ou não
O ponteiro do relógio continua a se mover
Nunca volta
Então não importa
Se posso entender ou não
Os pés veem as situações e gritam cada um lá vou eu
E se caem e tropeçam e capotam
Se levantam
E me dizem a cada vez
“Coragem é ir”

Café

minha avó chegou menina
no começo do outro século
pelas ondas do mar

se enamorou do cafezinho
que tomou até quase cem
quando precisou nos deixar

jeito único, sotaque só dela
nós sentados na cozinha
duas xícaras uma conversa

sorriso, mais um gole
estórias frescas e antigas
nas asas do pretinho

que saudades das tardes
cunhadas em grãos moídos
passados com afeto

água quente, pó no filtro
novela das seis no café
prosa de família ao leite

bolo sabor Mazzaropi
fofocas do pão francês
manteiga no amor à vida

e depois a soneca
já acordando aturdida
pelo ronco em seu repouso

que saudades da vovó
após o almoço ou às cinco
dedos recordando ao levar
aos lábios o cafezinho

Vou tudo deixar na noite
Os medos que senti hoje
Os desejos
Os gracejos
Fechem os olhos

Vou transformar no sono
As emoções que extrapolaram
As canções que não calaram
Ou o que se emudeceu demais
Fechem os olhos

Vou abençoar todos os meus sonhos
Sejam nuvens ou pesadelos
Sejam borboletas ou presilhas
Sejam suspiros ou surpresas
Fechem os olhos

Vou adormecer o ritmo cardíaco e a pressão arterial
Embarcar um soneto de ninar
Imaginar uma cromoterapia de ar
Sorrir um afago de pelúcia
Fechem os olhos

E de manhã
Saborear um café
Esse cheirinho de café
Esse café que se espalha na minha boca
Me acorda renovada
Me acorda revoada
Está tudo bem, pode abrir os olhos agora

Medo

tive medo de te perder
veio e escureceu a alma
ao sol do amanhecer

não foi medo moléstia
a demência a abrir a porta
o câncer que nos leva

ou medo morte no projétil
que varou minha carne
em assalto à mão armada

acordei com medo novo
a vastidão sem beiras
de não mais te ver

vazio que outros medos
por ti algemados
iriam soltos preencher

Uma fonte
Um pássaro
Bate tão forte
Seu coraçãozinho
Consigo ver de longe

Venha, pequeno amigo,
Saciar sua sede sem medo
Reconheça o terreno dócil
Perceba o refúgio gentil

Descanse, querido amigo,
Esse mundo tão cheio de perigos
Essa cidade tão inóspita e hostil
Sua busca diária incessante
Seus olhos atentos
Procurando sementes
Tão ausentes
Interrompidas pelos concretos

Viver
Deveria ser
Natural e seguro
E no entanto
Tantas demandas a atender
Mas não se esqueça de mim
Venha ligeiro, embora receoso
Colher as quireras que jogo ao jardim
Recorde sempre

Deste lugar a recorrer

Descanse, estimado amigo,
Repouse no canto protegido
Amenize a expressão do olhar
Tire o temor do corpo
Não voe assim amedrontado
Cante alto e corajoso
Que outros
Perdem igualmente a inquietude

E você,
Meu coração passarinho,
Tão fragilzinho,
Outrossim assossegue-se

Finalmente

Linha toda torta
novelo embolado
diacho de embaralhado
que ninguém ajeita

vó tenta, vem o neto
logo cansa, chama a mãe
tantos entre nós e laços
que birrentos não se vão

mais faz pior fica
não há arte que alinhe
o fio avesso da vida

finalmente a gente entende
que a bagunça não tem fim
porque tem de ser assim

quarenta versos
quatro meses
cruzamentos
confusão

nos soluços
laços nascem
incessantes
sem perdão

vinte temas
lã tecendo
labirinto
sem saída

abismo
queda nova
que chamamos
vida

finalmente a gente entende
que a vida é fiada
em embaraço sem fim

finalmente a gente aprende
só há flores e amor
no desarranjo do jardim

a vida nos encanta
no torto e no avesso
novelo de almas
finalmente vivendo

o amor brota
nos laços que tecemos
cachos embaraçados
nós atados para sempre

As nuvens se amontoam, condensadas

Finalmente!

Concentradas, aglomeram-se na fluidez
Unem-se, separam-se, criam eletricidade
Logo virá o mergulho
A grande travessia
O invisível lançamento
A jornada
O voo

Mais uma vez as gotas tentarão virar oceano

Quem atingirá a terra, rompendo o solo com gana?
Quem vai escorrer pelas flores e folhas?
Quem vai atingir superfícies suspeitas?
Impermeáveis...
Quem tocará a pele?

Quem conseguirá penetrar no mundo?
Correr para o mar, ser livre, ser imenso, ser pleno
Ser praticamente o planeta?

Quem vai se aderir ao lúcido?
Quem vai se digerir em bruscos?
Destilar conteúdos,
Evaporar em túmulos das coisas inaptas?

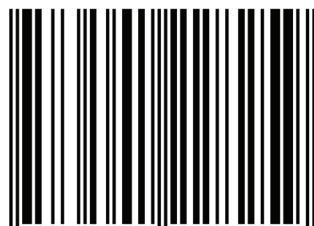
Finalmente!

Tantos dias mornos
Nos movimentos incertos
Nas abrigadas improváveis da luz
Tantas correntezas etéreas
No âmago das noites infindas
Borboletas nauseadas
Inaladas de éter
Diluídas nos sonhos...

Suspire
A sorte está prestes a ser lançada
Tudo começa na garoa ou na tempestade
Showa-se

ISBN: 978-65-01-22825-9

CB



9 786501 228259